

## EDITORIAL

---

Com grande satisfação e alegria o corpo editorial de “**Em Tempo de Histórias**” publica mais um número de nossa revista eletrônica, o número 31. Essa edição contém 6 artigos e uma nota de pesquisa. Quatro desses artigos compõem o dossiê intitulado *Olhares sobre o Brasil* com temas bem variados, assim como o nosso Brasil profundo. Além do dossiê, apresentamos dois artigos de temática livre e uma nota de pesquisa com provocações teóricas e metodológicas para a História.

O objetivo desse dossiê, *Olhares sobre o Brasil*, foi abordar as múltiplas e interdisciplinares interpretações sobre a realidade brasileira mediante diversas abordagens e perspectivas, bem como temas diversos como: saúde, música, direito e ocupação do espaço brasileiro.

Iniciando esses olhares sobre a história do nosso país, Vanessa de Jesus Queiroz, em “*Saúde Pública em mau estado: a carne para consumo nos debates sobre higiene pública na Gazeta Médica da Bahia na década de 1860*” aborda higiene pública como o conjunto de normas sanitárias que devem ser seguidas em nome da manutenção do bem comum, mensurado pela ausência de doenças e problemas causados por fugas a tais normas. Nesse sentido, tal tema aparece como campo necessário e direto da saúde pública. A autora demonstra como a elaboração, bem como a execução e a manutenção das regras da higiene, ensejam um campo ora conflituoso, ora pactual, de debates que envolvem diversas parcelas sociais, das quais destaca imprensa médica e classe médica na Bahia, bem como as diversas relações envolvendo órgãos fiscalizadores, governo e população geral, numa complexa rede relacional que conseguimos identificar nas entrelinhas do jornal médico em questão.

Na sequência, em “*Fotografando a geringonça sem freio: breve investigação sobre as transformações da música em Brasília desde os anos 80*”, André Luiz Fernandes Cunha, inspirado na imagem de uma carroça futurista, criada pela banda Feijão de Bandido em 2001, nos apresenta a cena musical em Brasília dos anos 80 até a atualidade considerando sua natureza arcaica e moderna, global e local simultaneamente. Para isso, o autor se utilizou de alguns

conceitos desenvolvidos por Stuart Hall no livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, como hibridismo, nomadismo e multiculturalismo.

Em seguida, para provocar mais debates no campo da História do Direito, Alberto de Moraes Papaléo Paes, em *“Uma historiografia crítica do jusnaturalismo no Brasil- um ensaio preliminar”*, reacende o debate sobre o Direito Natural no Brasil a partir de uma revisão crítica das fontes históricas do Direito. Para tanto, o autor retrocede à análise daquilo que Antônio Paim denomina de segunda escolástica portuguesa e suas influências: a) na cultura filosófica brasileira e; b) na concepção jurídica de Direito. Além disso, Papaléo Paes contextualiza a obra de Tomás Antônio Gonzaga intitulada de *Tratado de Direito Natural* a fim de construir um desenho teórico do naturalismo no Brasil. Assim, busca demonstrar o cenário em que se travou a discussão inicial que pressupõe a afirmação do Direito Natural no Brasil.

Para fechar o dossiê, mas iniciar mais debates acerca da ocupação do espaço em nosso país, Andressa Batista Farias em *“Contexto sócio-histórico e econômico no Norte de Mato Grosso-caso de Sinop: a expansão da fronteira agrícola”* busca compreender a percepção de sujeitos em relação ao processo de colonização e ocupação das terras na região norte mato-grossense, mais especificamente na cidade de Sinop, em Mato Grosso, inserida na Amazônia Legal, e, assim, apreender as relações de poder e dominância, ambientais e econômicas, históricas e sociais, sobre o processo de colonização ocorrido na região a partir da década de 1970. Para isso, a autora baseou-se nos construtos teóricos pautados nas discussões pertinentes aos contextos econômicos, sociais, ambientais e histórico de ocupação do município de Sinop. Utilizando-se de análise crítica da realidade social e de pesquisa de campo, como entrevistas semiestruturadas, Batista Farias apresenta uma reflexão sobre a influência da expansão da fronteira agrícola, sobre o contexto sócio-histórico e econômico no espaço local. Para tal, foram entrevistados 02 sujeitos, dentre eles um agricultor e um morador antigo da cidade, que estiveram presentes desde o início do processo de colonização. Dessa forma, a autora apresenta as contradições e ambiguidades trazidas pela produção da cultura da soja na região.

Por sua vez, com temática livre, mas com provocações teóricas e metodológicas ao ofício do historiador, apresentamos dois artigos de jovens historiadores. Em *“Simpatia, alteridade e compreensão no ofício do historiador”*, Rodrigo Nunes do Nascimento, a partir da análise do uso do conceito de *epokhé* e *simpatia (sympathie)* por Henri-Irénée Marrou em *“De la connaissance historique”* (Do conhecimento histórico), busca entender a necessidade da

simpatia e da alteridade na abordagem das fontes e do passado pelo historiador como um dos requisitos fundamentais para o alcance da compreensão (*Verstehen*) e do conhecimento históricos.

Por sua vez, João Francisco Schramm, em *“Por uma teoria da História pela História: sobre o fetiche do distanciamento”*, nos apresenta um debate intenso e repleto de polêmicas da nossa disciplina História com as demais ciências. O autor demonstra como o surgimento e abandono de modas e de modelos teóricos alienígenas à História são tratados muitas vezes pela historiografia como algo trivial, havendo na maior parte das pesquisas apenas exposição dos debates da época, ao expor as correntes teóricas anteriores e as que mais tarde vieram se firmar no novo cenário epistemológico. Para João Francisco Schramm, tais modelos teóricos, tão logo configurados como a moda de uma época, revelam problemas maiores, ainda não assumidos pela História, que demonstram o estado de experimentalismo, sujeição e dependência a que a disciplina esteve sujeita durante o século XX. Ao fazer se submeter às modas teóricas e às repentinas mudanças de outras disciplinas, a História durante o século XX (especialmente na França e em consequência no Brasil), acabou por assumir questões epistemológicas que estão na raiz do próprio surgimento das ciências sociais, quando esta defendia a criação de um método semelhante ao das ciências da natureza, a que pudesse desvelar leis gerais que regem o comportamento humano. Nesse sentido, o autor oferece uma crítica à ideia corrente de “distanciamento”, que poderia trazer às ciências sociais modelos teóricos e sistemas de interpretações que tornariam supérfluos a singularidade do conhecimento histórico ou mesmo a empiria. Para isso, o artigo discute o lugar não somente da História, mas das ciências humanas, quanto a seu objeto específico de estudo em relação às ciências naturais, ao destacar diferenças relevantes entre objetos culturais e objetos naturais.

Por fim, publicamos como nota de pesquisa o texto *“O uso de imagens na história: transformações do espaço urbano de Tefé a partir de sua iconografia (1960-1980)”* de Fabielle Ribeiro Esperança, resultado de pesquisas realizadas na seção de documentação da Rádio Educação Rural de Tefé. A historiadora tem como objeto central analisar as transformações do espaço urbano na cidade de Tefé, em Amazonas, entre as décadas de 1960 a 1980, pautando-se no uso de ferramentas analíticas oferecidas pela História Social em suas múltiplas formas. A pesquisadora demonstra como o uso de imagens, bem como a tentativa de ampliação de pesquisas sobre as modificações do tecido urbano nas cidades do interior da Amazônia, vem

ampliando as possibilidades de pesquisas, bem como a utilização de novas fontes. Nesse contexto, a questão que se coloca é: como à luz da História Social e dos estudos sobre cidade podemos compreender as transformações do espaço urbano no interior do Amazonas a partir do uso de imagens?

Por fim, nós, da equipe editorial, agradecemos a colaboração de nossos colegas historiadores e desejamos a todos uma boa leitura, reflexiva, crítica e prazerosa. Afinal de contas, são tempos de histórias.

Rafael Nascimento Gomes  
Conselho Editorial